

TEMPO COMUNIDADE: VIVÊNCIAS E REGISTROS NO SEMINÁRIO INTEGRADOR DA TURMA DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO FILHOS DE GIRASSOL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FRONTEIRA SUL

Elisandra Aparecida Callegari Gessi[1]

Ricardo Callegari[2]

Círculo de Saber: Educação do Campo, formação por área de conhecimento e Agroecologia

Resumo: Este artigo apresenta uma análise crítica acerca da pedagogia da alternância e do tempo-comunidade no âmbito do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas, ofertado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul. A partir de reflexões desenvolvidas na disciplina de Seminário Integrador, com a turma de acadêmicos *Filhos de Girassol*, o estudo busca compreender as percepções dos estudantes sobre os sentidos atribuídos às experiências formativas que articulam o tempo-universidade e o tempo-comunidade como dimensões indissociáveis da prática docente no campo. Os debates realizados em sala de aula revelam um acúmulo significativo de saberes construídos coletivamente, ancorados na realidade vivida dos sujeitos e nas dinâmicas socioterritoriais das comunidades camponesas e indígenas das quais fazem parte. Evidenciamos que, mais do que aprender sobre o campo, os estudantes compreendem a importância de viver, conhecer e pertencer ao território como condição essencial para a formação de educadores comprometidos com os princípios da Educação do Campo. Nesse sentido, o tempo-comunidade emerge como espaço privilegiado de aprendizagem situada, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas transformadoras, fundamentadas no diálogo entre saberes tradicionais, experiências locais e conhecimentos científicos.

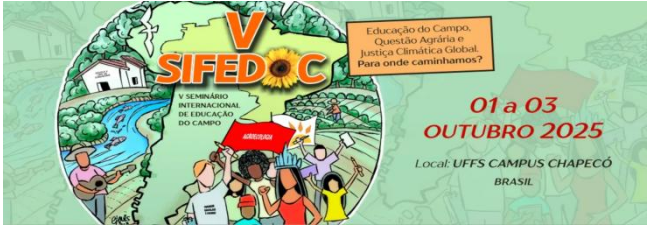
Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; Formação Docente; Práticas Pedagógicas.

Introdução

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é fruto de um longo processo histórico de mobilização dos movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), entre outros, que lutaram pelo direito

[1] Professora Drª em Geografia. Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Laranjeiras do Sul. E-mail: elisandrapdo22@hotmail.com

[2] Professor Dr. em História. Coordenador do Projeto Ponto de Cultura - Agência de Desenvolvimento Regional do Sudoeste do Paraná. Email: ricardocallegaricalle@gmail.com



à educação para os povos do campo, respeitando suas culturas, tempos e modos de vida.

Essas lutas se intensificaram nas décadas de 1990 e 2000, culminando na criação de políticas públicas específicas, como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), e na institucionalização da Educação do Campo como uma modalidade reconhecida pelo Estado.

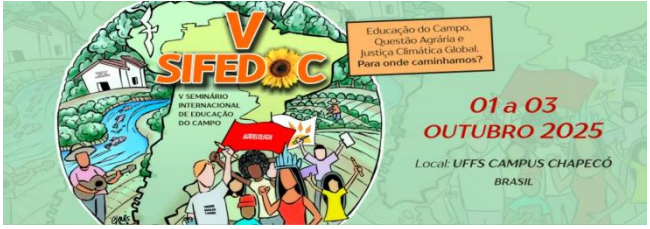
Em 2006, o Ministério da Educação lançou o edital que incentivou universidades públicas a criarem cursos de Licenciatura em Educação do Campo, com propostas pedagógicas voltadas à formação de professores nas áreas de Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Linguagens e Matemática. Nesse sentido, a Universidade Federal da Fronteira Sul, atua em seus campis com a Licenciatura em Educação do Campo em diferentes áreas de formação.

No contexto atual da educação brasileira, a LEdoC se configura como uma resposta concreta às desigualdades históricas e estruturais que atingem as populações do campo. Ao propor uma formação docente que articula teoria e prática, universidade e território, conhecimento científico e saberes populares, a Licenciatura em Educação do Campo rompe com a lógica tradicional da formação de professores urbanos e fragmentados.

Uma proposta pedagógica que não apenas reconhece, mas valoriza a diversidade cultural, étnica, produtiva e política dos sujeitos do campo, promovendo uma educação que contribua para a emancipação social, a soberania alimentar, a justiça ambiental e a construção de um projeto de sociedade mais justo e igualitário.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação por área do conhecimento no contexto da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), com ênfase na pedagogia da alternância e no tempo comunidade como elementos estruturantes dessa proposta formativa.

A análise aqui apresentada parte da vivência e das discussões desenvolvidas na disciplina de Seminário Integrador com a turma “Filhos de Girassol” do primeiro ano do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Laranjeiras do Sul.



A partir das experiências e debates vivenciados pelos acadêmicos, buscamos compreender os sentidos atribuídos ao tempo comunidade e sua potência pedagógica para a formação docente no campo.Diante disso, algumas questões fundamentais emergiram como norteadoras das reflexões: o que significa, na prática, o tempo comunidade na formação de educadores do campo? De que modo a pedagogia da alternância contribui para transformar a relação entre teoria e prática, entre universidade e território, entre conhecimento e vida?

A partir do diálogo com os estudantes, percebemo que, mais do que conteúdos e metodologias, o que se fortalece é o vínculo com a realidade concreta das comunidades, a vivência direta dos contextos sociais e a construção de uma identidade docente comprometida com as lutas dos povos do campo.

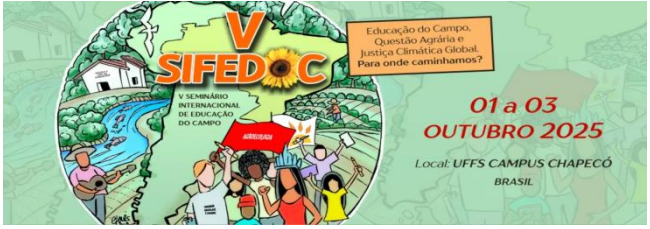
A pesquisa e análise se apoiam nos fundamentos epistemológicos como a práxis, a totalidade e a indissociabilidade entre teoria e prática. No entanto, o que se evidencia com maior intensidade nos relatos dos acadêmicos é a importância de viver, conhecer e fazer parte da realidade sobre a qual se estudam os conceitos, ou seja, a valorização de uma aprendizagem situada, experiencial e transformadora.

Assim, este artigo busca sistematizar essas reflexões e experiências, evidenciando como a pedagogia da alternância e o tempo comunidade se articulam à proposta curricular por área do conhecimento na LEdoC, contribuindo para a construção de uma prática educativa crítica, orgânica e comprometida com a emancipação dos sujeitos do campo.

O que significa tempo-comunidade na Educação do Campo? Como a pedagogia da alternância pode transformar a prática docente? Essas duas perguntas nortearam a discussão em sala de aula, no tempo comunidade e no retorno ao tempo universidade da Turma de 1º anos de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências sociais e humanas da Universidade federal da fronteira Sul do Campo de Laranjeiras do Sul denominada Filhos de Girassol, na disciplina de Seminário Integrador que por vez ministramos.

Metodologia

O trabalho está fundamentado na pesquisa qualitativa, com enfoque na abordagem crítico-dialética. Parte do princípio de que a realidade social e educativa



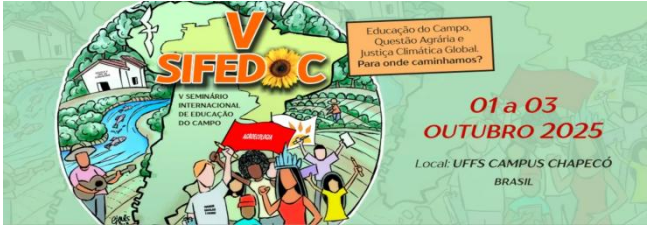
é histórica, contraditória e em constante transformação, exigindo métodos que permitam a interpretação das relações entre sujeitos, territórios e práticas pedagógicas (MINAYO, 2001; GATTI, 2004). A pesquisa desenvolvida está ancorada nos pressupostos da pesquisa-formação (JOSSO, 2002) e do relato de experiência com análise crítica, uma vez que os dados emergem das vivências, reflexões e produções coletivas realizadas ao longo da disciplina de Seminário Integrador, com a turma de primeiro ano do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Laranjeiras do Sul.

A turma Filhos de Girassol é composta por 27 estudantes de comunidades camponesas, assentamentos da reforma agrária e territórios indígenas, que, em diálogo com as professoras da disciplina, foram provocados a refletir e sistematizar suas compreensões sobre duas perguntas norteadoras: “O que significa tempo-comunidade na Educação do Campo?” e “Como a pedagogia da alternância pode transformar a prática docente?”. As respostas foram coletadas por meio de rodas de conversa, registros orais e escritos, além de atividades de sistematização coletiva realizadas durante os encontros presenciais e virtuais.

A análise se deu a partir de um processo de registros das respostas dos estudantes. O método dialético permitiu compreender as falas dos estudantes não apenas como opiniões individuais, mas como expressões de experiências sociais e culturais situadas, reveladoras de sentidos atribuídos ao tempo-comunidade e à formação por áreas do conhecimento.

A Formação por Área do Conhecimento na Licenciatura em Educação do Campo: epistemologia da práxis e compromisso com a transformação social

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) representa uma proposta político-pedagógica inovadora, que rompe com os paradigmas tradicionais da formação docente ao colocar no centro do processo educativo a vida concreta dos povos do campo, das florestas e das águas. Nessa perspectiva, a organização curricular por áreas do conhecimento não é um fim em si mesma, mas um instrumento metodológico que permite articular os saberes escolares com os saberes populares, a ciência com a vida, e a escola com o território.



Segundo Caldart (2012), a LEdoC nasce do acúmulo das lutas dos movimentos sociais do campo, especialmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e carrega em sua gênese o compromisso com a construção de um projeto de sociedade mais justo, solidário e sustentável.

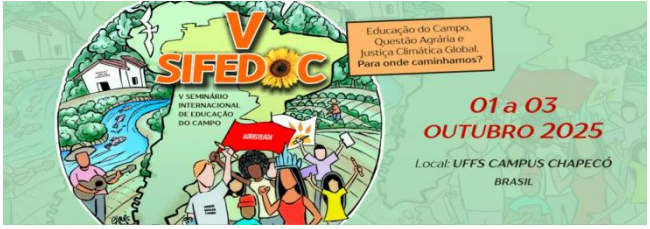
Esse projeto formativo se ancora em uma epistemologia da práxis, isto é, na articulação indissociável entre teoria e prática, mediada pela reflexão crítica e pela ação transformadora (FREIRE, 1996). Assim, a formação por áreas do conhecimento não pode ser compreendida como uma mera reorganização curricular, mas como um desdobramento de uma concepção de educação enraizada na realidade histórica dos sujeitos do campo.

Para Curado (2021), a formação por áreas na Educação do Campo exige uma abordagem transdisciplinar, contextualizada e dialógica, na qual os conhecimentos científicos e os saberes populares dialogam em igualdade de condições. E nesse sentido, o curso têm seu diferencial a partir da alternância. É nesse momento que é possível compreender em um contexto amplo a importância da ciência, mas acima de tudo, como ela está inserida no dia a dia da comunidade, como se retrata no documento do Programa de apoio as licenciaturas do campo - Procampo (2013)

> O curso tem caráter regular e apoia-se em duas dimensões de alternância formativa integradas: o tempo escola e o tempo comunidade. As atividades tempo escola serão realizadas nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto, e, durante encontros sistemáticos no intervalo de cada tempo-escola, parte constituinte das disciplinas e do Seminário Integrador. As atividades que configuram a dimensão tempo comunidade serão realizadas no espaço sócio profissional do aluno, para que possa refletir sobre os problemas, discutir com a comunidade e colegas e levantar hipótese acerca das soluções possíveis. Esta dimensão se concretiza em sala de aula, a cada retorno para as atividades de tempo-escola, mediante discussões e socializações. (PROCAMPO, p.10 2013).

A proposta da LEdoC parte do princípio de que a educação não pode estar dissociada da luta social. Por isso, a formação docente nesse curso é orientada por uma pedagogia da alternância, que se materializa nos chamados Tempos Universidade e Tempos Comunidade.

O Tempo Comunidade, em particular, constitui-se como um espaço-tempo privilegiado de investigação da realidade, no qual os licenciandos são desafiados a mergulhar nas contradições concretas de seus territórios, fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e luta social (ARROYO, 2012).



É nesse movimento dialético entre universidade e comunidade que a práxis se realiza como princípio educativo e epistemológico. Como enfatiza Caldart (2004), educar para o campo é formar sujeitos capazes de ler criticamente o mundo e intervir nele de forma comprometida com a emancipação coletiva.

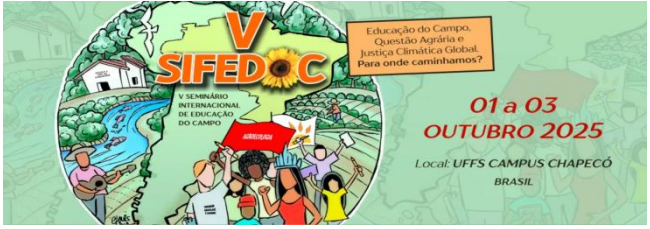
A organização curricular por áreas do conhecimento, articulada a partir da realidade, torna-se um dispositivo fundamental nesse processo.E essa realidade vai muito além de estatísticas como reitera Caldart (2009):

> A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais... A perspectivas da educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino. (CALDART,p.157, 2009).

As experiências formativas de instituições como a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) evidenciam que a construção coletiva de planos de ensino integrados, baseados em problemáticas territoriais e sociais, representa tanto um desafio quanto uma potência pedagógica. Tais planos buscam superar a compartimentalização dos saberes, promovendo a integração entre ciências humanas, ciências da natureza, matemática e linguagens em torno de eixos estruturantes como a agroecologia, a soberania alimentar, o bem viver e os direitos dos povos do campo.

A agroecologia, nesse contexto, é mais do que um conteúdo escolar; ela se configura como método, prática e horizonte político. Segundo Altieri (2009), a agroecologia integra saberes tradicionais, científicos e técnicos, oferecendo uma perspectiva de sustentabilidade que se contrapõe à lógica destrutiva do agronegócio.

Quando incorporada ao projeto formativo da LEdoC, ela contribui para a construção de uma leitura crítica do território, articulando dimensões econômicas, ecológicas, culturais e políticas do viver camponês. Para Girardi e Mattei (2013), a agroecologia, como eixo articulador da formação, permite a transversalidade curricular e a formação de educadores conscientes de seu papel transformador.



Outro elemento fundamental da formação por áreas é o reconhecimento das múltiplas determinações sociais que atravessam os sujeitos do campo, como classe, raça, gênero, etnia e geração. A interseccionalidade deve ser um princípio orientador da prática pedagógica, garantindo que as vozes historicamente silenciadas especialmente de mulheres, povos indígenas, comunidades quilombolas e juventudes tenham centralidade nos processos educativos (CARVALHO, 2018).

Portanto, a formação por área do conhecimento, na Licenciatura em Educação do Campo, deve ser compreendida como um processo político-pedagógico em permanente construção, fundado na coletividade, na pesquisa do território e na práxis transformadora.

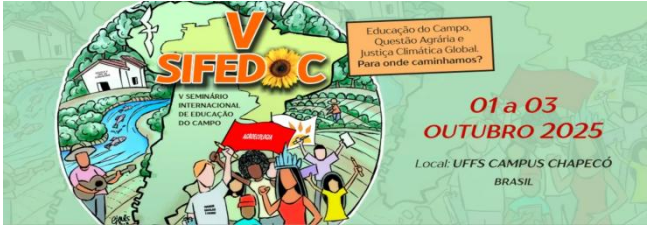
Como reforça Caldart (2012), a LEdoC faz sonhar, mas, sobretudo, faz viver. A área do conhecimento, nesse cenário, é uma construção viva, enraizada nos territórios, nas experiências, nas contradições e nos desejos de mudança. Ela é, ao mesmo tempo, caminho e horizonte de uma educação popular, camponesa e libertadora é a oportunidade de educadores e estudantes enxergar uma escola “inteira” e não dividida em disciplinas e/ou categorias.

A Licenciatura em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas pelo olhar da Turma de acadêmicos Filhos de Girassol

Ao olhar para a trajetória da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), em especial no curso de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Laranjeiras do Sul (15 anos), é impossível dissociá-la da experiência concreta dos sujeitos que a compõem.

A Turma *Filhos de Girassol*, formada por estudantes oriundos de distintas realidades camponesas e de territórios indígenas contribui de forma singular para a compreensão do que significa formar-se professor no campo e a partir do campo, especialmente quando se trata de refletir sobre categorias centrais como tempo-comunidade e pedagogia da alternância.

A partir das reflexões dessa turma, que respondeu às perguntas “O que significa tempo-comunidade na Educação do Campo?” e “Como a pedagogia da alternância pode transformar a prática docente?”, emergem percepções marcadas por



experiências vividas, por vínculos territoriais e por um compromisso coletivo com a transformação da escola e da sociedade rural.

As respostas revelam que o tempo-comunidade é compreendido como um espaço-tempo de escuta, convivência e aprofundamento da realidade local, onde o conhecimento nasce das práticas sociais e se reconstrói em diálogo com a universidade. É nesse tempo que o estudante se reconecta com sua comunidade não como um simples observador, mas como sujeito ativo da transformação social.

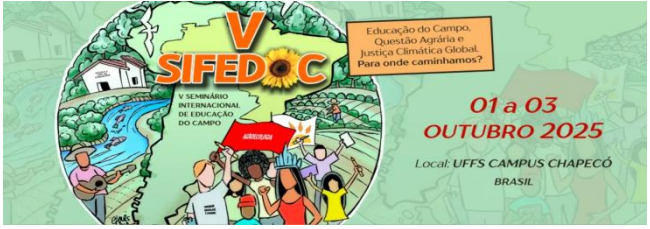
Conforme aponta Caldart (2004), o tempo-comunidade é parte indissociável do processo formativo na Educação do Campo, pois permite a imersão dos licenciandos nas contradições, potências e saberes de seus territórios. Mais do que um estágio ou uma atividade complementar, ele é parte constitutiva da práxis pedagógica, sendo entendido pelos integrantes da turma *Filhos de Girassol* como o momento em que o conhecimento "faz sentido".

Essa vivência concreta se articula à pedagogia da alternância, metodologia que estrutura o curso por meio dos tempos formativos (Tempo Universidade e Tempo Comunidade), e que se baseia na concepção de educação como prática da liberdade (FREIRE, 1967).

> [...]É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. E o fará melhor, toda vez que, integrando-se ao espírito delas, se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas[...]Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustament ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. (FREIRE, p.50, 1996).

Para os acadêmicos da turma, essa pedagogia transforma a prática docente por romper com a dicotomia entre teoria e prática, universidade e comunidade, professor e aluno. Ao mesmo tempo que precisam compreender a realidade ondemm moram, num contexto histórico, mas também atual, para como Freire afirma, com atitude crítica, se formar na sua época, (re) conhecendo a realidade e transformando-a quando preciso.

O que permite ao futuro educador elaborar seus saberes a partir da escuta e do diálogo com os sujeitos do campo, ao invés de simplesmente reproduzir conteúdos prontos e descontextualizados.

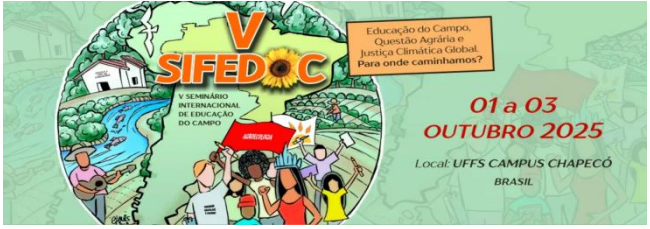


Segundo Molina (2014), a pedagogia da alternância, ao partir da realidade vivida como ponto de partida e de chegada do processo educativo, favorece uma formação crítica, comprometida e territorializada. Ela contribui para a superação da fragmentação dos saberes e da negação histórica dos povos do campo, fortalecendo o protagonismo dos sujeitos e sua identidade camponesa.

Além das duas perguntas discutidas e pensadas durante as aulas de seminário integrador, desafiamos a turma a pensar atividades concretas e práticas que poderiam auxiliar na afirmação do tempo comunidade,como imprescíndiveis para colocar os conteúdos estudados no tempo universidade em prática e que envolvesse as escolas comunidades. No quadro nº1 abaixo o copilado de respostas:

Quadro nº1 - Atividade do Seminário Integrador (recorte)

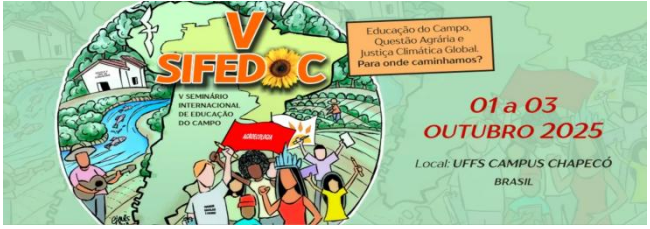
O que significa tempo comunidade na LEDOC	Retorno para a comunidade de origem. Pesquisa elaboração de projetos, desenvolvimento de ações. O tempo comunidade é essencial para a formação, olhar crítico do nosso território. Ponte em que o estudamos o cotidiano. Tempo comunidade nos aproxima da comunidade e da escola. Vivenciar as teorias. Relação estudante e comunidade, uma forma de pôr em prática. Organização e interação com a realidade Integração entre diferentes campos formativos Atividades presentes do dia a dia das pessoas da comunidade Realidade da comunidade Educação mais contextualizada e participativa, diálogo de conhecimento com diferentes espaços Período em casa e na comunidade Envolvidos nas atividades Promover práticas, fortalecer a identidade dos estudantes. Período de permanência nossa, vivenciando e se envolvendo com nossa comunidade Permanecer na comunidade, conhecimento dos saberes tradicionais, valorizam a cultura, experiência e valores e todos os aspectos dessa realidade Viabilidade ao atendimento, relação com o conhecimento campesino.



Como a pedagogia da alternância pode transformar a prática docente?	Conexão profissional entre prática e teoria. Aproxima a ed campo com o convívio do ensino superior Pesquisas com conhecimento acadêmico Complementa o que estudamos Onde podemos aplicar, refletir o que aprendemos em sala de aula A pedagogia da alternância transforma a vida da comunidade Mediador em conhecimento acadêmico e comunidade. Participativa comprometida com a transformação social, fortalece o vínculo entre escola, comunidade e sujeitos mais conscientes. Transforma a prática. Valorização dos saberes locais Processo formativo, construção crítica, prática e comprometimento. Deixamos de ser donos do saber e aprendemos juntos. Possibilita o acesso a escola constantemente, conexão entre universidade e escola. Permite conhecer a (re) conhecer a realidade. Aprendemos na pratica o cuidado com o meio ambiente Conectar conhecimento.
Projetos	Mapear as culturas ancestrais (Idosos) Resgate da história da ocupação Jardim sensorial nas janelas Horta comunitária Horta ornamental Artesanato Danças culturais Marcas indígenas Horta agroecológica Documentário saberes tradicionais, práticas culturais, protagonismo dos jovens indígenas Plantas medicinais, resgate de contos e fabulas

Na leitura da turma Filhos de Girassol, a alternância é um caminho de fortalecimento da autonomia, da coletividade e da intencionalidade pedagógica. É nesse movimento contínuo entre o território e a sala de aula que se constrói uma prática docente significativa, sensível às lutas sociais e capaz de fazer da escola do campo um espaço de resistência e de criação de futuros possíveis.

Quando analisamos as respostas, notamos que em nenhum momento a preocupação estava em formação por disciplina ou por área de conhecimento, pressupomos que os acadêmios se “encontrarm no curso” e que que lhes era caro,era como essa licenciatura promove vivencias no lugar de morada e principalmente para os indígenas, o sonho real de trabalhar nas escolas dos territórios.



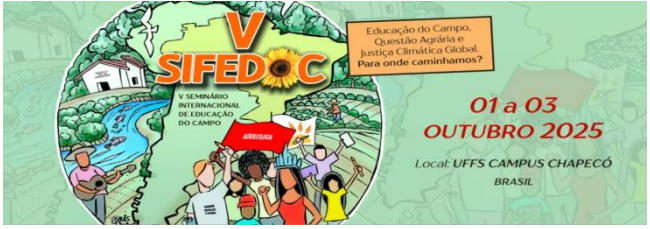
Outro ponto marcante nas respostas, foi sobre tempo comunidade onde, nas respostas termos como: “Transforma a prática”, “Valorização dos saberes locais” e o a frase que acreditamos sintetizar esse texto: “ Deixamos de ser donos do saber e aprendemos juntos”. Fortalece nosso pensamento que a formação por área traz resultados muito além do diploma de formação, fortalece a ideia de cidadão, de empatia e de construção de conhecimentos ao mesmo tempo de uma sociedade com mais equidade pode se formar.

Durante as aulas e exposição das respostas as perguntas e elaboração dos projetos, também desenvolvemos as estratégias e os desafios que seriam encontrados para a execução de cada projeto. Em duplas, eles elencaram como os conteúdos e as disciplinas estudadas no tempo universidade serviriam de embasamento para atuarem na comunidade e nas escolas, seja na argumentação, quando na continuidade do projeto. Uma das preocupações era a manutenção.

Em seus relatos, ficou afirmada a ideia de que trabalhos pontuais não garantiriam o aprendizado e continuidade. Então elaboraram estratégias para “amarrar” o projeto ao cotidiano de vida da comunidade. Quando falaram sobre as hortas, elas precisavam ser comunitárias, outra questão quando dos acadêmicos indígenas, é que a horta precisava dar continuidade a forma de plantio da cultura indígena, com milho, feijão e abóbora, que segundo eles, um precisa do outro e devem ser plantados juntos. Que além de demonstrar diversidade, auxilia no cuidado com a terra e com a questão ambiental.

Os desafios que apareceram, muito ligados ao envolvimento de todos e aos recursos para a produção. Também a preocupação que os mais jovens, estão perdendo ou não aprendem as culturas de reza, danças e crenças. Dessa forma, os acadêmicos dialogaram sobre a importância de se ter registros e de que fizesse parte da escola esses costumes.

As aulas de seminário integrador, foram de muitos debates e também de produção de materiais, relatórios, aterfatos de pintura que representaram o que foi o tempo comunidade para todos e principalmente, uma forma de conectar ensino-aprendizagem-práticas-comunidade. Acreditamos que o tempo comunidade fortalece o vínculo e o propósito da graduação com a realidade vivida dos acadêmicos.



E que ao se falar em educação, a Licenciatura em Educação do Campo transborda limites, rompe as 4 paredes e a atuação dos acadêmicos na comunidade se faz sala de aula.

Conclusão

A Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas, analisada sob o olhar da turma *Filhos de Girassol*, reafirma sua importância como uma proposta formativa enraizada nas lutas históricas e nas realidades concretas dos sujeitos do campo e das comunidades indígenas.

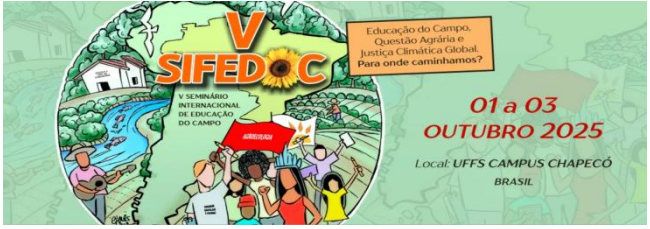
Ao valorizar o tempo-comunidade como um espaço-tempo pedagógico e político, e ao incorporar a pedagogia da alternância como metodologia estruturante, a LEdoC se consolida como uma experiência contra-hegemônica no cenário da educação superior brasileira.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho demonstram que a formação por área do conhecimento, tal como proposta pela LEdoC, vai muito além da organização curricular. Ela atua como estratégia epistemológica e política para romper com a fragmentação dos saberes,entre teoria e prática e estabelecer vínculos orgânicos entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes populares e territoriais.

O tempo-comunidade, tal como compreendido pelos acadêmicos da turma, é mais do que um retorno ao local de origem: é uma prática de pesquisa, convivência, intervenção e aprendizado coletivo. Como afirmaram os estudantes, é nesse tempo que se “vive e se aprende junto”, que se constroem vínculos afetivos com a comunidade e que a docência ganha sentido, por meio da escuta, da observação e da ação educativa situada

Da mesma forma, a pedagogia da alternância revela-se, na prática, como um potente instrumento de transformação da formação docente. Ela permite que os licenciandos não apenas acessem o ensino superior, mas que o façam sem abrir mão de sua territorialidade, de suas culturas e de seus modos próprios de produzir conhecimento.

A partir das aulas com a turma *Filhos de Girassol, percebemos que* a LEdoC não apenas forma professores, mas também promove a construção de identidades



políticas e pedagógicas enraizadas nos territórios. As atividades e projetos sugeridos como as hortas agroecológicas, resgate de saberes tradicionais, mapeamento cultural e ações comunitárias apontam para uma concepção ampliada de educação, centrada no território, na participação coletiva e na valorização da diversidade.

Em síntese, o que se evidenciou neste estudo é que a Licenciatura em Educação do Campo, ancorada na pedagogia da alternância e fortalecida pela formação por áreas do conhecimento, oferece uma alternativa concreta ao modelo hegemônico de formação docente. Ela promove uma educação que não apenas reconhece, mas valoriza a pluralidade dos povos do campo, e aposta na construção de um projeto de sociedade pautado pela dignidade, equidade e emancipação.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2004.

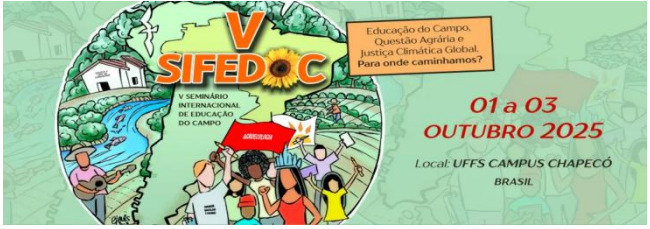
CALDART, R. S. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, pág. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf. Aceso em 08 maio 2025.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos de (orgs.). Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília: MDA/Incra, 2012.

CARVALHO, Marlene de Oliveira. **Gênero, campo e educação: desafios e possibilidades**. Campinas: Papirus, 2018.

CURADO, Kátia. **Educação do Campo e a construção do conhecimento na prática social**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 59, n. 60, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática da liberdade**.1 ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1967.



GIRARDI, Eduardo; MATTEI, Lauro. **Agroecologia e desenvolvimento territorial: uma abordagem crítica**. Revista Campo-Território, 2013.

JANATA, Natacha. **Formação docente na LEdoC: pedagogia da alternância e práxis.** Revista Brasileira de Educação do Campo, 2021.

PROCAMPO. **Programa de apoio às Licenciatura em Educação do Campo**. Projeto Pedagógico. Universidade Federal do Piauí, Campus Cinobelina Elvas. Bom Jesus, PI, 2013

.